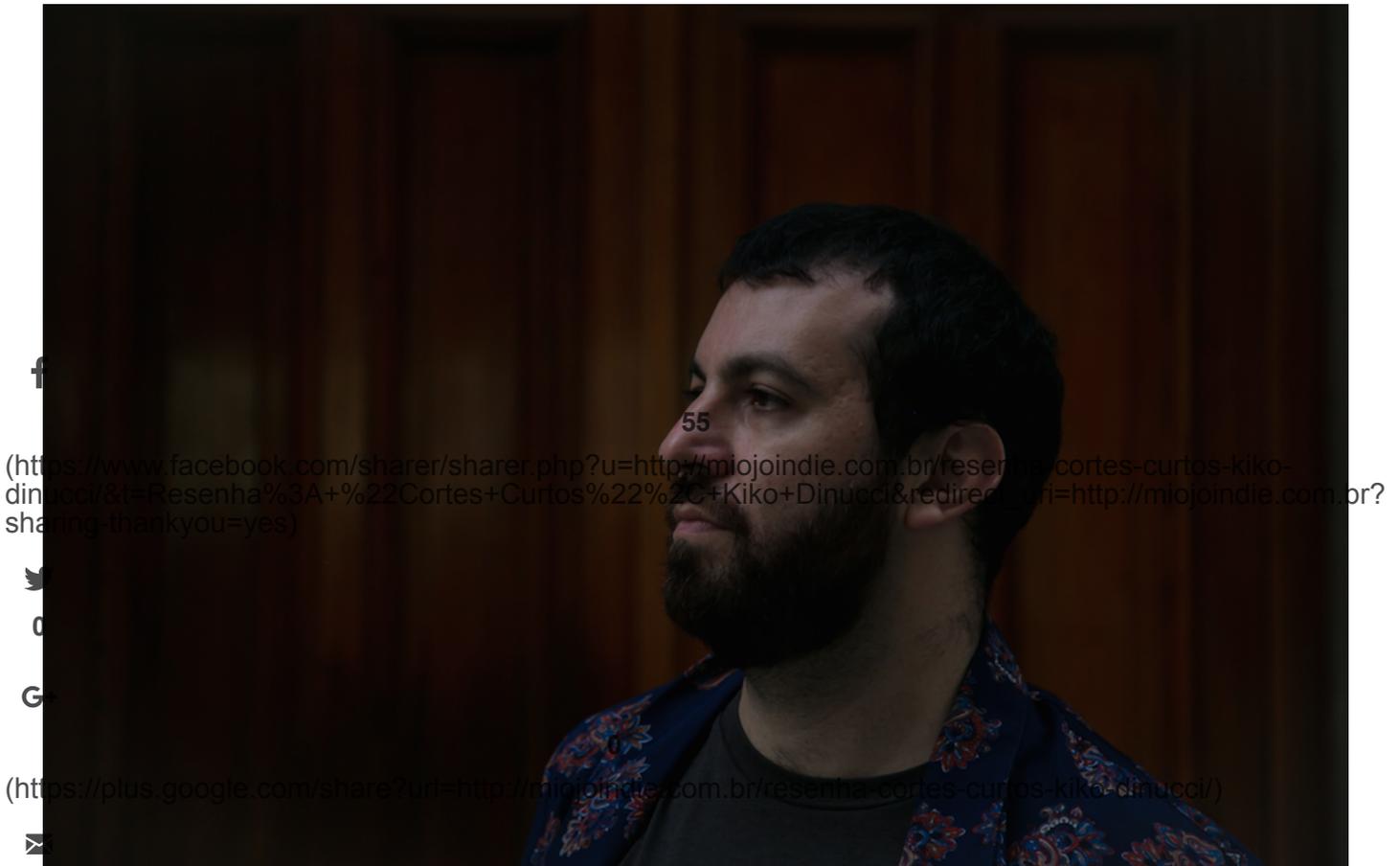


Resenha: "Cortes Curtos", Kiko Dinucci

15/02/2017 (<http://miojoindie.com.br/2017/02/15/>) Por: Cleber Facchi (<http://miojoindie.com.br/autor/admin/>)



“Ele é mais filme do que disco, ouça numa tacada só, ouça em volume alto se for possível”, escreveu Kiko Dinucci no texto de lançamento (<https://www.facebook.com/134273409979897/photos/a.139483656125539.30290.134273409979897/134891882!type=3&theater>) de *Cortes Curtos* (2017, Independente). Produzido em um intervalo de apenas quatro dias, em setembro do último ano, o primeiro registro em carreira solo do cantor e compositor paulistano cresce como um imenso bloco de ruídos, gritos, histórias e personagens. Uma versão caótica, naturalmente punk, do mesmo universo conceitual que Dinucci vem desbravando em projetos como *Metá Metá* e demais registros colaborativos na última década.

Pensado sob a ótica de uma película cinematográfica, *Cortes Curtos* se revela como uma verdadeira coleção de imagens sonoras. Fragmentos visuais, narrativos e acústicos que observam diferentes aspectos da cidade de São Paulo, seus habitantes e toda uma sequência de acontecimentos mundanos. Personagens como a musa romantizada em *A Morena do Facebook* (“*Ela é mais bonita que a foto do perfil / Enquanto se aproxima / Com seu andar macio*”), ou mesmo o conflito preconceituoso que explode na descritiva *Uma Hora da Manhã* (“*O que você tá falando de nordestino? / Sou nordestina sim, com muito orgulho*”).

“Eu fui criando as canções nessa São Paulo horrorosa, racista, reacionária, opressora, que faz as pessoas adoecerem e se deprimirem”, explicou Dinucci em entrevista à Noisey (https://noisey.vice.com/pt_br/article/kiko-dinucci-cortes-curtos-chorei). De fato, quanto mais o trabalho

avança, mais ou ouvinte é arrastado para dentro desse ambiente tomado pela desesperança e sorrisos curtos, quase inexistentes. Um cenário dominado pela atmosfera cinza dos prédios e a permanente relação de proximidade com a morte, proposta escancarada nos versos suicidas de *Vazio da Morte* — “*Matias queria se jogar / Do alto do prédio do Banespa*”.



(https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/&t=Resenha%3A+%22Cortes+Curtos%22%2C+Kiko+Dinucci&redirect_uri=http://miojoindie.com.br?sharing-thankyou=yes)

Família angústia acaba se refletindo na composição dos arranjos e curvas rítmicas que movimentam o trabalho. Parcialmente distante do samba sujo incorporado pelo Metá Metá, Elza Soares e outros projetos que contam com o pulso firme de Dinucci, *Cortes Curtos* estreita de forma explícita o diálogo do músico com o rock e suas variações. Logo na abertura do disco, em *No Escuro*, uma avalanche de sons distorcidos, batidas e vozes violentas, estímulo para toda a sequência de faixas que se espalham no decorrer da obra, entre elas, a insana *Desmonto Sua Cabeça* e *Crack Para Ninar*.

Diretor e ao mesmo tempo protagonista da própria obra, Dinucci atravessa o registro criando pequenas brechas criativas para a chegada de um time de colaboradores. Tulipa Ruiz, em *O Inferno Tem Sede*, Ná Ozzetti surge em *Inferno Particular*, parceira de Metá Metá, Juçara Marçal brilha em *Chorei*, música que leva a assinatura de Beto Villares. Surgem ainda colaboradores de longa data, como os músicos Marcelo Cabral (baixo e sintetizador), Sergio Machado (bateria), Guilherme Held (guitarra), Rodrigo Campos (cavaquinho e guitarra) e Thiago França (sintetizador e sax), responsáveis por abastecer a rica estrutura musical do disco.

Com título inspirado no filme *Short Cuts – Cenas da Vida* (<https://www.youtube.com/watch?v=aQZD0vKvSjY>) (1993), do diretor Robert Altman, e imagem de capa produzida pelo próprio músico — um enquadro da polícia durante um show em apoio ao Movimento Passe Livre —, *Cortes Curtos* se espalha em meio a temas e referências do universo particular do guitarrista. Uma coleção de melodias tortas, crônicas musicadas e versos angustiados que transportam o ouvinte para diferentes cenas e acontecimentos, como um passeio pelo centro de São Paulo ao lado de Dinucci.

2017 (<http://miojoindie.com.br/tag/2017/>)

Beto Villares (<http://miojoindie.com.br/tag/beto-villares/>)

Brasil (<http://miojoindie.com.br/tag/brasil/>)

Cortes Curtos (<http://miojoindie.com.br/tag/cortes-curtos/>)

Experimental (<http://miojoindie.com.br/tag/experimental/>)

Guilherme Held (<http://miojoindie.com.br/tag/guilherme-held/>)

Hardcore (<http://miojoindie.com.br/tag/hardcore/>)



Juçara Marçal (<http://miojoindie.com.br/tag/jucara-marcal/>)

(<https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/&fbclid=IwAR122Grtes-Curtos-Kiko-Dinucci>)
 (https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/&fbclid=IwAR122Grtes-Curtos-Kiko-Dinucci&redirect_uri=http://miojoindie.com.br/sharing-thankyou=yes)



Marcelo Cabral (<http://miojoindie.com.br/tag/marcelo-cabral/>)

0

Melhores Discos (<http://miojoindie.com.br/tag/melhores-discos/>)



Metá Metá (<http://miojoindie.com.br/tag/meta-meta/>)

(<https://plus.google.com/share?url=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/>)



Ná Ozetti (<http://miojoindie.com.br/tag/na-ozetti/>)

Punk (<http://miojoindie.com.br/tag/punk/>)

0

Rock (<http://miojoindie.com.br/tag/rock/>)

Rock Alternativo (<http://miojoindie.com.br/tag/rock-alternativo/>)

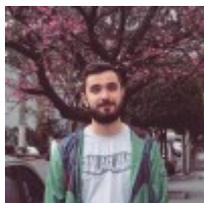
Samba (<http://miojoindie.com.br/tag/samba/>)

Samba Sujo (<http://miojoindie.com.br/tag/samba-sujo/>)

Sergio Machado (<http://miojoindie.com.br/tag/sergio-machado/>)

Thiago França (<http://miojoindie.com.br/tag/thiago-franca/>)

Tulipa Ruiz (<http://miojoindie.com.br/tag/tulipa-ruiz/>)



Cleber Facchi ([Http://Miojoindie.Com.Br/Author/Admin/](http://Miojoindie.Com.Br/Author/Admin/))

Criador do Miojo Indie, trabalhou como coordenador de Mídias Sociais na Editora Abril, editor de entretenimento e cultura no Huffington Post e hoje é editor de conteúdo no Itaú. Pai do Pudim, "ataca de DJ" nas horas vagas e adora ganhar discos de vinil como presente.

<http://miojoindie.com.br> (<http://miojoindie.com.br>)

(<http://miojoindie.com.br/carne-doce-falo-video/>)

ANTERIOR

CARNE DOCE: "FALO" (VÍDEO)

(<http://miojoindie.com.br/carne-doce-falo-video/>)

(<http://miojoindie.com.br/dedekind-cut-lil-puffy-coat/>)

PRÓXIMO

DEDEKIND CUT: "LIL PUFFY COAT"

(<http://miojoindie.com.br/dedekind-cut-lil-puffy-coat/>)



(https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/&t=Resenha%3A+%22Cortes+Curtos%22%2C+Kiko+Dinucci&redirect_uri=http://miojoindie.com.br/sharing-thankyou=yes)

One Thought On "Resenha: "Cortes Curtos", Kiko Dinucci"



0



ADEMAR AMANCIO ([HTTP://MIOJOINDIE](http://miojoindie.com.br))

02/02/2018 ([HTTP://MIOJOINDIE.COM.BR/RESENHA-CORTES-CURTOS-KIKO-DINUCCI/#COMMENT-742115](http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/#comment-742115))

(<https://plus.google.com/share?url=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/>)
(<http://miojoindie.com.br>) Super-dez,a resenha,o álbum eu desconheço.



0

Leave a Reply

Your email address will not be published. Required fields are marked *

Comment

Name *

Email *

Website

POST COMMENT



Busca

55

Search..
(https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/&t=Resenha%3A+%22Cortes+Curtos%22%2C+Kiko+Dinucci&redirect_uri=http://miojoindie.com.br?sharing-thankyou=yes)



0

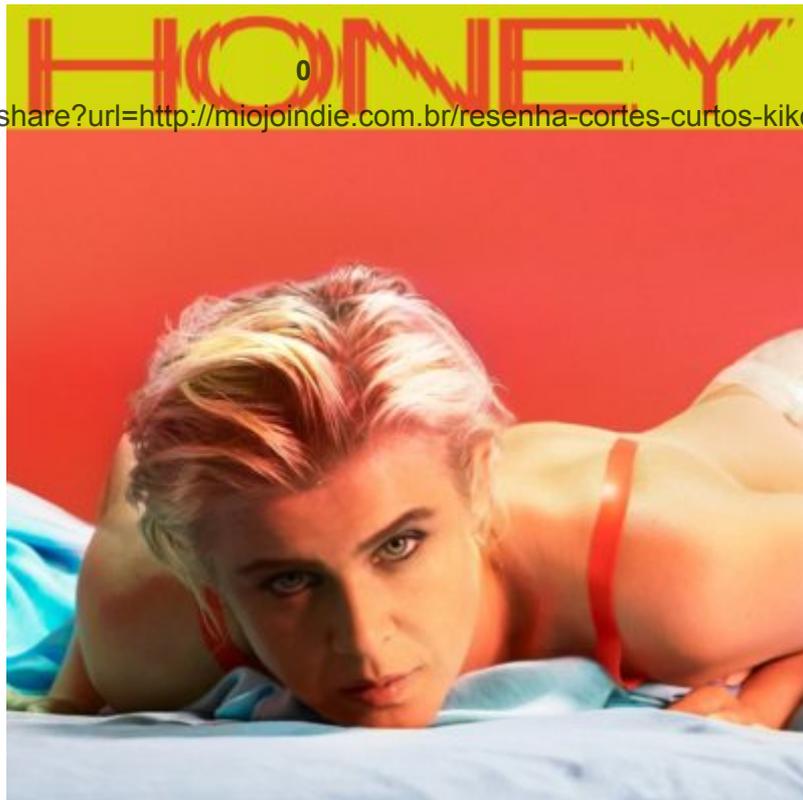
Melhores Discos



(<https://plus.google.com/share?url=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/>)



0



(<http://miojoindie.com.br/resenha-honey-robyn/>)

Resenha: "Honey", Robyn (<http://miojoindie.com.br/resenha-honey-robyn/>)



Resenha: "Sinto Muito", Mahmed (<http://miojoindie.com.br/resenha-sinto-muito-mahmed/>)

(<http://miojoindie.com.br/resenha->



Resenha: "Para Sempre Conectados Mas Eternamente Distantes", Emerald Hill (<http://miojoindie.com.br/resenha-para-sempre-conectados-mas-eternamente-distantes-emerald-hill/>)

(<http://miojoindie.com.br/resenha->



Resenha: "A Pele do Futuro", Gal Costa (<http://miojoindie.com.br/resenha-a-pele-do-futuro-gal-costa/>)



55

(https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/&_R=Resenha%3A+%22Cortes+Curtos%22%2C+Kiko+Dinucci&redirect_uri=http://miojoindie.com.br/sharing/http://miojoindie.com.br/resenha-emerald-hill/)



Resenha: "Azul Moderno", Luiza Lian (<http://miojoindie.com.br/resenha-azul-moderno-luiza-lian/>)



0



0

(<http://miojoindie.com.br/resenha-azul-moderno-luiza-lian/>)
(<https://plus.google.com/share?url=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/>)



0

luiza-lian/

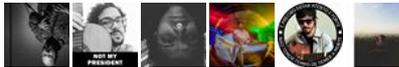
Facebook



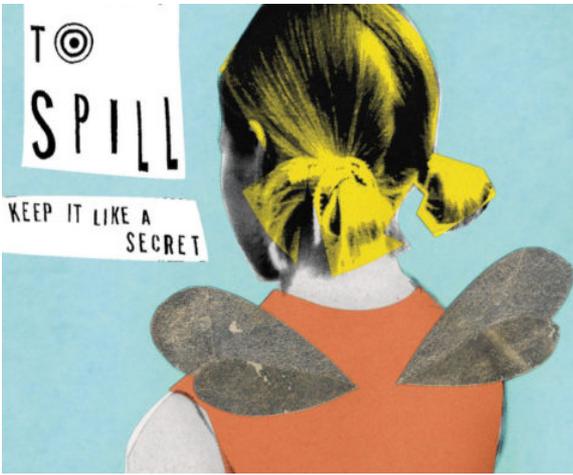
Curtir Página

Enviar mensagem

7 amigos curtiram isso



Cozinhando Discografias



(<http://miojoindie.com.br/cozinhando-discografias-built-to-spill/>)



(<http://miojoindie.com.br/cozinhando-discografias-janet-jackson/>)



(<http://miojoindie.com.br/cozinhando-discografias-d->



COZINHANDO DISCOGRAFIAS: BUILT TO SPILL
([HTTP://MIOJOINDIE.COM.BR/COZINHANDO-DISCOGRAFIAS-BUILT-TO-SPILL/](http://miojoindie.com.br/cozinhando-discografias-built-to-spill/))

COZINHANDO DISCOGRAFIAS: JANET JACKSON
([HTTP://MIOJOINDIE.COM.BR/COZINHANDO-DISCOGRAFIAS-JANET-JACKSON/](http://miojoindie.com.br/cozinhando-discografias-janet-jackson/))

COZINHANDO DISCOGRAFIAS: D-
([HTTP://MIOJOINDIE.COM.BR/COZINHANDO-DISCOGRAFIAS-D-](http://miojoindie.com.br/cozinhando-discografias-d-))

(https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/&t=Resenha%3A+%22Cortes+Curtos%22%2C+Kiko+Dinucci&redirect_uri=http://miojoindie.com.br/sharing-thankyou=yes)



0



Mais Lidos



G+

(<https://plus.google.com/share?url=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/>)
(<http://miojoindie.com.br/melhores-discos-de-2018-ate-agora/>) Os 25 Melhores Discos de 2018 (Até Agora) (<http://miojoindie.com.br/melhores-discos-de-2018-ate-agora/>)



0



posted on 25/06/2018



(<http://miojoindie.com.br/resenha-honey-robyn/>) Resenha: "Honey", Robyn
(<http://miojoindie.com.br/resenha-honey-robyn/>)

posted on 31/10/2018



(<http://miojoindie.com.br/resenha-sinto-muito-mahmed/>) Resenha: "Sinto Muito", Mahmed
(<http://miojoindie.com.br/resenha-sinto-muito-mahmed/>)

posted on 29/10/2018



(<http://miojoindie.com.br/resenha-forever-neverland-mo/>) Resenha: "Forever Neverland", MØ
(<http://miojoindie.com.br/resenha-forever-neverland-mo/>)

posted on 30/10/2018

(<http://miojoindie.com.br/os-25-melhores-discos-internacionais-de-2018-ate-agora/>) Os 25 Melhores Discos Internacionais de 2018 (Até Agora) (<http://miojoindie.com.br/os-25-melhores-discos-internacionais-de-2018-ate-agora/>)



posted on 02/07/2018



(http://miojoindie.com.br/30-discos-para-ouvir-chapado/) 30 Discos Para ouvir Chapado

(http://miojoindie.com.br/30-discos-para-ouvir-chapado/)

posted on 12/02/2014

CARLY RAE JEPSEN



(http://miojoindie.com.br/carly-rae-jepsen-party-for-one-video/) Carly Rae Jepsen: "Party For One" (VÍDEO) (http://miojoindie.com.br/carly-rae-jepsen-party-for-one-video/)

posted on 01/11/2018



55

(https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/&t=Resenha%3A+%22Cortes+Curtos%22%2C+Kiko+Dinucci&redirect_uri=http://miojoindie.com.br/sharing-thankyou=yes)



0



Miojo Indie Follow



(https://twitter.com/MiojoIndie)

0

(https://plus.google.com/share?url=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/)



(https://twitter.com/intent/user?screen_name=MiojoIndie) Miojo Indie Retweeted (https://twitter.com/MiojoIndie)

0



Iberê Borges (<https://twitter.com/popmata>)

2 Nov (<https://twitter.com/popmata/status/1058150013199626240>)

Como é que não tem show extra do Death Cab BRASIL???

(https://twitter.com/intent/tweet?in_reply_to=1058150013199626240&related=popmata)

(https://twitter.com/intent/retweet?tweet_id=1058150013199626240&related=popmata) 1

(https://twitter.com/intent/like?tweet_id=1058150013199626240&related=popmata) 9

Twitter (<https://twitter.com/popmata/status/1058150013199626240>)

(https://twitter.com/intent/user?screen_name=MiojoIndie) Miojo Indie Retweeted (https://twitter.com/MiojoIndie)



Vamos Falar Sobre Música? (<https://twitter.com/podcastvfm>)

2 Nov (<https://twitter.com/podcastvfm/status/1058177644745969665>)

Episódio novo no ar. Já dá pra ouvir no feed

<https://t.co/DeXYzBFSio> (<https://t.co/DeXYzBFSio>)

(https://twitter.com/intent/tweet?in_reply_to=1058177644745969665&related=podcastvfm)

(https://twitter.com/intent/retweet?tweet_id=1058177644745969665&related=podcastvfm) 2

(https://twitter.com/intent/like?tweet_id=1058177644745969665&related=podcastvfm) 8

Twitter (<https://twitter.com/podcastvfm/status/1058177644745969665>)

 (https://twitter.com/intent/user?screen_name=MiojoIndie) Miojo Indie Retweeted (https://twitter.com/MiojoIndie)



Vamos Falar Sobre Música? (https://twitter.com/podcastvfm)

1 Nov (https://twitter.com/podcastvfm/status/1058006565645623297)

Se ainda não viu no Instagram, nós gravamos essa semana com a @maria_beraldo (https://twitter.com/maria_beraldo)

O programa novo sai amanhã  (https://twitter.com/podcastvfm/status/1058006565645623297)

 (https://twitter.com/intent/tweet?in_reply_to=1058006565645623297&related=podcastvfm)

 (https://twitter.com/intent/retweet?tweet_id=1058006565645623297&related=podcastvfm) 2

 (https://twitter.com/intent/like?tweet_id=1058006565645623297&related=podcastvfm) 14

Twitter (https://twitter.com/podcastvfm/status/1058006565645623297)



Miojo Indie (https://twitter.com/MiojoIndie)

55

(https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/&t=Resenha%20A%20Cortes%20Curtos%20de%20Kiko%20Dinucci&redirect_uri=http://miojoindie.com.br/sharing-thankyou=yes)

Música triste da Ivete Sangalo é uma coisa que bagunça o meu cérebro.



É como Ian Curtis cantando Axé ou Thom Yorke fazendo música alegre.

0

 (https://twitter.com/intent/tweet?in_reply_to=1058058390369419264&related=MiojoIndie)



 (https://twitter.com/intent/retweet?tweet_id=1058058390369419264&related=MiojoIndie)

 (https://twitter.com/intent/like?tweet_id=1058058390369419264&related=MiojoIndie) 5

(https://plus.google.com/share?url=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/) Twitter (https://twitter.com/MiojoIndie/status/1058058390369419264)



0

Load More...



Playlist





2018 Best Songs

Cleber Facchi



- 1 Azul Moderno 3:54
Luiza Lian
- 2 Cuidando de Longe 3:40
Gal Costa, Marília Mendonça
- 3 Disk Me 2:53
Pablo Vittar
- 4 When I'm With Him 3:13
Empress Of
- f** 5 Pro Mundo Ouvir 4:21
DUDA BEAT, Luiza de Alexandre, Camila de Alexandre

55

(https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/&t=Resenha%3A+%22Cortes+Curtos%22%2C+Kiko+Dinucci&redirect_uri=http://miojoindie.com.br?sharing-thankyou=yes)



0



© Miojo Indie 2017 | by AV (<http://andersonrvs.com/>)

0

(<https://plus.google.com/share?url=http://miojoindie.com.br/resenha-cortes-curtos-kiko-dinucci/>)



0

Resenha: "Deus é mulher", Elza Soares

By Cleber Facchi, miojoindie.com.br

Maio 23º, 2018

Deus é mulher. O título forte, talvez provocativo para os mais conservadores, funciona como um poderoso indicativo da poesia política, crua e necessária que invade o novo álbum de estúdio de Elza Soares. Sequência ao material entregue no elogiado *A Mulher No Fim do Mundo* (2015) - primeiro registro de inéditas da cantora carioca -, o trabalho de 11 faixas amplia significativamente parte do universo detalhado pela artista há três anos. Um desvendar da alma feminina, debates sobre religião, o florescer da sexualidade e violência urbana.

Fuga declarada do samba torto incorporado ao álbum anterior, *Deus é mulher* se entrega ao rock não apenas na estrutura musical montada por Guilherme Kastrup, produtor do disco, em parceria com Romulo Fróes, Kiko Dinucci, Marcelo Cabral e Rodrigo Campos, mas, principalmente, no discurso. Do momento em que tem início, em *O que se cala*, faixa composta por Douglas Germano, também responsável por *Maria da Vila Matilde*, até alcançar a derradeira *Deus há de ser*, Elza se projeta com ferocidade, revelando uma postura quase punk, anárquica.

"Mil nações moldaram minha cara / Minha voz uso pra dizer o que se cala / Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala / O meu país é meu lugar de fala", canta em tom raivoso, ainda que libertador, indicando a força imposta durante toda a execução da obra. Se antes Elza cantava sobre marginalizados (*Benedita*), mulheres em situação de violência (*Maria da Vila Matilde*) e o caos em um cenário pós-apocalíptico (*Luz Vermelha*), hoje ela parte para o ataque, fazendo com que a própria voz cresça de forma desmedida, até a última nota.



“*Eu quero dar pra você, mas eu não quero dizer / Você precisa saber ler / A linha da minha mão / Meus olhos na noite escura / A minha indecisão*“, provoca em *Eu Quero Comer Você*, música de Alice Coutinho e Romulo Fróes, e uma clara reciclagem da poesia lasciva detalhada em *Pra Fuder*, do álbum anterior. A mesma vulnerabilidade e força do feminino se faz explícita em *Banho*, bem-sucedida criação de Tulipa Ruiz. “*Acordo maré / Durmo cachoeira / Embaixo, sou doce / Em cima, salgada / Meu músculo-musgo / Me enche de areia / E fico limpeza debaixo da água*“, canta enquanto tem início a inserção de vozes e percussão forte do Ilú Obá de Min, bloco paulistano formado apenas por mulheres.

São versos marcados pelo discurso social e provocações inteligentes, como se Elza apontasse para todas as direções. Do debate sobre intolerância religiosa, em *Credo* (“*Credo, credo / Sai pra lá com essa doutrinação*“) e *Exu nas Escolas* (“*Presa em uma enciclopédia de ilusões bem selecionadas / E contadas só por quem vence / Pois acredito que até o próprio Cristo era um pouco mais crítico*“), passando pela repressão e polarização da sociedade brasileira, em *O Que Se Cala* (“*Pra que separar? / Pra que desunir? / Pra que só gritar? / Por que nunca ouvir?*“), sobram rimas rápidas e certeiras.

O grande problema de *Deus é mulher*, assim como o trabalho que o antecede, continua sendo o limitado número de mulheres em uma obra que se apoia abertamente no discurso feminista. Das 11 faixas que recheiam o disco, apenas quatro contam com a assinatura de mulheres, porção também reduzida no grupo de instrumentistas convidadas a trabalhar na produção do álbum. Mesmo representado de forma incontestável pela imagem, histórico e voz forte de Elza Soares, não deixa de ser contraditório (e preocupante) pensar que músicas tão significativas como *Deus há de ser e Dentro de Cada Um* sejam compostas integralmente por homens.

RESENHA: METÁ METÁ - MM3

By **Henrique Barbosa Justini**,
www.botequimdeideias.com.br

Junho 13º, 2016



A abertura de “MM3” (ouça na íntegra aqui) lista tarefas que, a priori, já se mostram impossíveis de serem realizadas. As imagens montadas carregam um **misticismo** que só a música do conjunto poderia atribuir significado e extrair harmonias que conduzam o ouvinte pela beleza disforme criada. **A urgência criativa do conjunto nasce de um atravessamento da realidade pra estabelecer pontos incomuns e difusos em um mundo musical em que tudo nasce pra escorrer.** A terceira faixa, “Imagem Do Amor”, representa estas



deformidades constantes que o Metá Metá tem a coragem de transparecer na música: as melodias sem palavras definidas de Juçara, pelos sopros desconcertantes de Thiago França e o tempo quebrado de Dinucci.

Pode-se falar de referências africanas, do submundo paulista dos anos 1980 ou das diversas incorporações de estilos diferentes do *jazz*: a gana do conjunto transpassa a reverência pra estabelecer urgência de uma criação totalmente possível, mas, aparentemente, sempre renegada à nichos diferentes.

O conjunto mira em associações que, a priori, parecem incomunicáveis. E é o presente maior que o Metá Metá vem dando nesta última década pra música brasileira: o criador é plenamente capaz de comunicar tudo o que recebeu em sua formação musical, educando o ouvido de sua audiência com uma mensagem que circula por caminhos labirínticos e até contraditórios. Mas os rastros de toda a produção que a banda já criou ainda não são suficientes pra se “esperar algo”. Caminhando em uma corda bamba de influências, progressão sonora e não se manter no ostracismo, cada integrante do conjunto exige uma contribuição à altura do outro.

A gravação rápida do disco contribui pra ideia de urgência: nada é estável o suficiente no mundo do Metá Metá que possa ser captado sem o conceito de *transitoriedade*. Porque o mundo não para e porque os próprios integrantes não param (não à toa eles tem diversos projetos paralelos), que a criação mira em pontos reconhecíveis e impressionistas da vastidão contemporânea.

Metá Metá é uma banda que simboliza os pontos cegos da cidade em que residem: os muros pichados com mil imagens em um mesmo plano de fundo, as festas de rua, a ebulição efervescente ao som de ritmos dançantes. O conjunto expressa esta realidade sem abrir mão de progressões incomuns, retratando não só o conhecimento musical dos integrantes, mas a forma como esta sabedoria os auxilia a captar movimentos fugidios aos ouvidos menos atentos.

Nossa concepção de música é volátil e pode ser despedaçada diversas vezes (o que requer uma conseguinte reestruturação). A alegria do Metá Metá faz estes dois serviços pra seus ouvintes. Ao mesmo tempo em que certa noção de música, principalmente pra novos interessados, mostra-se frágil em frente à naturalidade das transições sonoras do conjunto, nasce uma outra. Esta, permite que sonhadores materializem suas personas musicais em obras. E quando músicos tão desafiadores de formas reinantes têm plena liberdade pra desrespeitar estruturas canônicas, estas são obrigadas a serem interpretadas com outros ouvidos. A banda credita sua força pulsante a um mundo acelerado e, em primeira instância, desinteressado.

Isso porque tendências e crítica nunca abalaram a certeza dos integrantes do Metá Metá que, desde seu primeiro disco, causa uma comoção que vai crescendo lentamente no submundo brasileiro. Mais do que outro trabalho coerente do grupo, “MM3” evidencia o conjunto que está a frente de muitas aparições relevantes nos últimos anos. Além disso tudo, o disco é uma autêntica impressão do contemporâneo aliada à uma constante necessidade de resignificações, em que o diálogo entre as formas mais radicais seja sempre possível.

NOTA: 8,0

Lançamento: 26 de maio de 2016

Duração: 40 minutos e 34 segundos

Selo: Independente

Produção: Metá Metá

Leia mais:

Comentários

comentários

RollingStone

Assimilação Independente Brasileira

No segundo disco, trio Metá Metá usa referência recorrente da música popular brasileira para criar algo novo

RONALDO EVANGELISTA PUBLICADO EM 13/12/2012, ÀS 15H34 - ATUALIZADO ÀS 15H35



FERNANDO EDUARDO/DIVULGAÇÃO

A influência de música africana não é novidade na música brasileira: dos afrosambas de Baden e Vinicius, passando pelas composições de Gilberto Gil e João Donato e pelos cantos de Clara Nunes e Carlinhos Brown, muitas ideias, ritmos e maneiras de origens diferentes foram assimilados e retransformados por aqui. Novos caminhos e possibilidades dessa influência se revelam no recém-lançado *MetaL MetaL*, segundo disco do encontro do Metá Metá, de três figuras únicas e altamente ativas na cena em São Paulo atualmente: a cantora Juçara Marçal, o compositor, guitarrista e violonista Kiko Dinucci e o saxofonista e flautista Thiago França.

A palavra “Metá”, na língua Iorubá, significa “três”, e quando dobrada significa algo como síntese de três em um. No álbum, as faixas “Logun”, “Orunmila”, “Oya” e “Rainha das Cabeças” de alguma forma citam entidades ou criam refrãos inspirados em chamadas ou cantos. Já “Exu” e “Man Feriman” são temas de domínio popular, o

primeiro de terreiro nagô do Maranhão, o segundo adaptado de ponto de Oxum. “Qualquer referência afroreligiosa no Metá Metá é resultado da própria vivência na religião”, diz Dinucci, que explica citando guitarras elétricas, Congotronic, músicos do Mali, Gana, Angola: “Musicalmente falando, me sinto influenciado pela África de um modo mais global. Uma procura contemporânea, não ancestral”.

O trio toca junto há pouco mais de três anos. Em uma época em que “independência” já virou commodity no mercado, o Metá Metá não sabe viver sem ser livre, fazendo tudo de maneira artesanal, sem empresário, assessoria, financiamento de gravadora ou qualquer subsídio externo. É o do-it-yourself como uma maneira de se livrar de predisposições externas e manter a criação viva. “O Metá caminha livre porque tem controle de todos os seus passos”, comenta Dinucci. “Não nos interessa ter uma assessoria, sair em um grande jornal e não ter dinheiro pra fazer um crediário nas Lojas Americanas, isso é um mundo encantado. Somos livres do modelo do mainstream, da máquina. Não nos interessa também a figura de uma pessoa atravessando, interferindo nos nossos passos, um empresário. Nossa liberdade sonora depende dessa nossa postura.”



Leiturinha

OS MELHORES LIVROS INFANTIS COM SURPRESAS EXCLUSIVAS

SAIBA MAIS

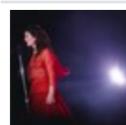
Últimas Notícias



[Marcelo Camelo lança sinfonia de 30 minutos com orquestra da República Tcheca](#)



[Exclusivo: Rincon Sapiência faz do "corre" a inspiração para o trapfunk Placo; assista ao clipe](#)



[Lorde deixa claro que não é mais uma promessa ao assumir o pop em show em São Paulo](#)



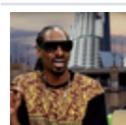
[Blondie propõe viagem no tempo com primeiro show em São Paulo](#)



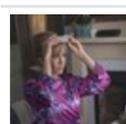
[MGMT, At The Drive-In e Death Cab for Cutie, juntos em São Paulo, transitam entre sonoridades e popularidades distintas](#)



[Em Vai Anitta, cantora revela até vômito no ex-marido e mostra o motivo de não ser mais uma no meio de tantas](#)



[Snoop Dogg vai ganhar estrela na Calçada da Fama de Hollywood](#)



[Jennifer Aniston é ex-miss em nova comédia musical; Assista ao trailer de Dumplin](#)

[Todas notícias »](#)



[Contato / Fale conosco](#) [Edições](#)



ROMULO FRÓES

www.romulofroes.com.br

JUÇARA MARÇAL_

Release_ "Encarnado" (2014)

"Não diga que estamos morrendo, hoje não!"

Juçara Marçal está longe de ser uma estreante. Já são mais de vinte anos de carreira iniciada com o grupo vocal Vésper, com quem lançou quatro discos, *Flor D'Elis* (1998), *Noel Adoniran - 180 Anos de Samba* (2002), *Ser Tão Paulista* (2004) e *Vésper na Lida* (2013). Com o grupo A BARCA, Juçara lançou dois discos, *Turista Aprendiz* (2000) e *Baião de Princesas* (2002), além de participar do importante trabalho de pesquisa do grupo realizado em nove estados brasileiros entre 2004 e 2005 e que resultou no registro em áudio e vídeo de mais de trinta mestres de cultura tradicional, presentes nas caixas *Trilha, Toada e Trupé* e *Coleção Turista Aprendiz*. Ao lado de Kiko Dinucci, iniciou uma parceria que há alguns anos investiga e desenvolve um trabalho a partir das tradições afro-brasileiras. Dessa parceria já foram lançados *Padê* (2007) e os dois discos com o grupo Metá Metá (que além de Juçara e Kiko tem em sua formação o saxofonista Thiago França), são eles, *Metá Metá* (2011) e *Metal Metal* (2012). Depois dessa extensa carreira discográfica, Juçara Marçal se aventura agora em seu primeiro trabalho solo e o faz de maneira surpreendente. *Encarnado* (2014), mais do que um apanhado de sua longa trajetória artística, é quase uma nova estreia, apontando em uma direção arriscada e inesperada, inimaginável até para aqueles que acompanharam seu longo percurso até aqui.

Em sua definição espiritual, encarnado é o espírito que ocupa temporariamente um corpo humano. Encarnado também significa torna-se carne. Não por acaso, *Encarnado*, o disco de Juçara Marçal, tem seu repertório todo marcado pelo tema da morte. No entanto, mais que finitude, parece indicar uma busca por renovação, renascimento, um desejo por um "outro corpo", uma "nova carne". Logo na abertura do disco, pelos versos de *O Velho Amarelo* (Rodrigo Campos), Juçara reivindica: "Não diga que estamos morrendo, hoje não". Se a morte é inevitável, que seja encarada sem medo: "Vai, menina dos meus olhos, penetre entre os olhos, não há piedade, é só o fim, vai!". E que seja permitido escolher a hora e momento certos: "Quero morrer num dia breve, quero morrer num dia azul, quero morrer na América do Sul". O tema da morte vai aparecer de muitas maneiras ao longo do disco; de forma vingativa, em *Damião* (Douglas Germano): "Dá neles, Damião! Dá sem dó nem piedade e agradece a bondade e o

cuidado de quem te matou"; pela chave romântica, em *Queimando a Língua* (Romulo Fróes / Alice Coutinho): "Não enxergo final, interrompo o tempo aqui em você"; e até mesmo em sua própria representação, em *A Velha Capa Preta* (Siba): "E a morte anda no mundo vestindo mortalha escurae procurando a criatura que espera condenação, quando ela encontra um cristão sem vontade de morrer".

Em *Ciranda do Aborto* (Kiko Dinucci) o tema aparece de maneira desconcertante, mais explícito, violento. Violência em nada apaziguada pela ambiguidade de seu título. *Ciranda do Aborto* já começa na faixa anterior *Odoya* (Juçara Marçal), uma vinheta que lhe serve quase como introdução. Mais do que introdução, serve de oração, uma benção à mãe *Odoya*: "Agô Yabá, bença mãe" e **vai servir também como um pedido de ajuda para atravessar o momento tão doloroso descrito a seguir**: "Passa na carne a navalha, se banha de sangue, sorri ao chorar, cobre o amor na mortalha pra ele não acordar, sente no fel deste beijo, o agouro da morte a se revelar". A letra prossegue, ganhando tensão: "vai despedaçado, vem meu bem querer, vem aqui pra fora, vem me conhecer" (**aqui vale um adendo, não me lembro de outra vez na canção brasileira o tão repetido verso "meu bem querer", ter sido usado de modo tão agressivo e contraditório**). O arranjo acompanha a tensão da letra e se desenvolve em um *crescendo*. Juçara cresce com ele. Amplificada pelo cavaquinho *hitchcockiano* de Rodrigo Campos, sua voz, qual lâmina, rasga os versos agudos da estranha ciranda de Kiko: "A ferida se abriu, nunca mais estancou, pra você se espalhar laceado, mas o chão te engoliu, toda a lida findou, pra você descansar no meu braço aos pedaços". Após um final caótico, que traduz musicalmente o horror do assunto tratado na canção, Juçara se desmancha, denunciando sua entrega à canção num suspiro invulgar.

Como suportar a audição de um disco construído a partir de tema tão profundo, quanto desagradável? A resposta está na voz de Juçara Marçal. Sob seu canto se revelam belezas escondidas e insuspeitas. E ele não cessa, um instante sequer. Juçara canta, mesmo quando não está cantando. Canta quando fala, na fala *itamariana* de *E o Quico* (Itamar Assumpção). Canta quando grita, o grito pós-tropicalista de *Não Tenha Ódio no Verão* (Tom Zé). Canta a "voz" dos (poucos) instrumentos presentes no disco, o sax e o pocket piano de Thiago França, a rabeca de Thomas Rohrer, mas principalmente, Juçara canta as guitarras de Kiko Dinucci e Rodrigo Campos. **A polifonia rítmica e as melodias fraturadas (des)construídas por Kiko e Rodrigo, que desestabilizam a harmonia, fazendo cambalear a canção, encontraram no canto de Juçara o elemento catalisador perfeito na linguagem musical inovadora e original que vêm desenvolvendo em dupla há algum tempo**, especialmente com o Passo Torto, grupo do qual fazem parte ainda, Marcelo Cabral e Romulo Fróes. **De um lado, os ruídos, a sujeira, os riffs de influência punk de Kiko**. De outro, as melodias elegantes, precisas, fruto da formação violonística de Rodrigo. **Essa junção de universos musicais tão distantes, aliada à profunda influência do samba nos trabalhos individuais de cada um, vem construindo um vocabulário desconhecido,**

novo na música brasileira. Pela voz de Juçara, as conquistas de Kiko Dinucci e Rodrigo Campos atingem um outro patamar.

Lembro de Torquato Neto e sua célebre fala: "Um poeta não se faz com versos, é o risco, é estar sempre a perigo sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela." Seguindo a cartilha de Torquato, ao discorrer sobre a morte, Juçara nunca esteve tão viva. Ao se reinventar, não só abriu novas possibilidades a si mesma, mas à própria música brasileira. Seu disco é lançado em um época em que a canção popular perdeu há tempos a importância na formação cultural do nosso país. Talvez seja muito menos ouvido e discutido do que de fato Juçara e o Brasil mereciam. Mas servirá desde já e por muito tempo ainda, de antídoto para o discurso nostálgico e paralisante dos profetas do fim da canção. Estes deveriam prestar atenção ao que diz em alto e bom som Juçara Marçal: Não diga que estamos morrendo. Hoje não!



[início](#) [projeto](#) [autor](#) [colaboradores](#) [contato](#)

mais lidos



e volto pra curtir



o que te ilude é roliúde



BONDE DOS BRABOS



da natureza dos lobos



efêmeros, perenes e antropofágicos



rompe & rasga & come



BANQUETE



AEROMOÇAS E TERNURA NO CARTAZ



venha até são paulo ver o que é bom pra tosse



maciunas vol.1 a.k.a. sic, sic, sic

Z DA QUESTÃO

publicado em 29 de set de 2011 [comente >](#)



fotos: daryan dornelles

Década de 1930. Em busca de uma identidade nacional, o Estado Novo de Getúlio Vargas, aliado às elites do país, encontra no samba dos morros cariocas a musicalidade perfeita para enaltecer um Brasil que se almeja moderno e industrial. Tornando-se símbolo máximo de brasilidade e unificador da nação, o samba deixa para trás suas restrições étnicas e religiosas, sai dos terreiros e passa a ser consumido por uma classe média emergente. Noel Rosa, Ary Barroso, Lamartine Babo, Braguinha, Carmen Miranda, Francisco Alves, Mário Reis, Orlando Silva, Silvío Caldas, entre tantos outros, se tornam os grandes nomes da música popular brasileira de então. Curiosamente, todos elegantemente trajados e, em sua esmagadora maioria, brancos ou pardos. Num segundo momento, vê-se surgir na década de 50, em São Paulo, uma geração de compositores e intérpretes que, sem temer suas origens, fazem do samba sua matéria prima e com ele elaboram as mais incríveis e representativas crônicas da cidade. Contudo, Adoniran Barbosa, Paulo Vanzolini e Germano Mathias jamais chegaram a importunar a majestade de seus vizinhos cariocas. Nos anos 70, ainda se ouvia do poeta e compositor Vinícius de Mores a célebre sentença: “São Paulo é o túmulo do samba”. Mesmo que proferido em circunstância extremada – Vinícius defendia seu amigo Johnny Alf de uma descortês platéia paulistana – o comentário já deixava clara a

arquivo

[Fevereiro](#)

[Outubro](#)

[Novembro](#)

[Outubro](#)

[Dezembro](#)

[Outubro](#)

[Setembro](#)

[Agosto](#)

[Julho](#)

[Junho](#)

[Maio](#)

[Abril](#)

[Março](#)

[Fevereiro](#)

[Janeiro](#)

[Dezembro](#)

[Novembro](#)

[Outubro](#)

[Setembro](#)

[Agosto](#)

[Junho](#)

[Maio](#)

[Abril](#)

[Março](#)

[Fevereiro](#)

[Janeiro](#)

[Dezembro](#)

[Novembro](#)

[Outubro](#)

[Setembro](#)

[Agosto](#)

[Julho](#)

[Junho](#)

[Maio](#)

[Abril](#)

[Março](#)

[Fevereiro](#)

[Janeiro](#)

[Dezembro](#)

[Novembro](#)

[Outubro](#)

[Setembro](#)

[Agosto](#)

[Julho](#)

[Junho](#)

[Maio](#)

importância que ganhou, ao longo do tempo, não só o samba, mas a cidade que inicialmente o fomentou e, acima de tudo, seu status dentro da cultura nacional.

Década de 2000. Em meio às fortes tensões do mercado fonográfico, surge em São Paulo uma geração de cantores e compositores que atualizam o gênero criado há décadas na cidade. Kiko Dinucci, Juçara Marçal, Douglas Germano, Rodrigo Campos e Romulo Fróes tornam-se as figuras de maior destaque desta cena e, dentre eles, Kiko mostra-se o mais prolífero. Flertando com sambas, batuques, macumbas, modas de viola, pós-punk e a onipresente vanguarda paulista, o músico já lançou cinco álbuns, quase todos em parceria: *Padê* (2007, com Juçara Marçal), *Pastiche Nagô* (2008, com o Bando Aframacarrônico), *Retrato de Artista Quando Pede* (2008, com Douglas Germano), *Na Boca dos Outros* (2010, com diversas participações especiais) e *Metá Metá* (2011, com Juçara Marçal e Thiago França). Em 2006, enveredou pelo audiovisual, produzindo o documentário *Dança das Cabaças - Exu no Brasil*. Atualmente, o músico se divide entre a turnê de seu último álbum, os preparativos para o lançamento de seu livro de quadrinhos chamado *Cabeça de Homem* e um novo projeto musical: *Cortes Curtos*.

De passagem pelo Rio de Janeiro, onde realizaram o show de lançamento do álbum *Metá Metá*, Kiko e Juçara foram responsáveis por uma das mais contundentes entrevistas do **Banda Desenhada**. Em meio a bolinhos de bacalhau e alguns chopes, a dupla falou sobre a sua carreira, o samba paulista, Itamar Assunção e, claro, a derrocada da MPB:

BANDA DESENHADA – De um modo geral e até preconceituosamente, São Paulo sempre foi vista como uma cidade antenada com o novo e com poucas ligações com qualquer tipo de tradição dentro da música feita no Brasil. Entretanto, nos últimos anos, a cidade vem lançando nomes de peso não só dentro da MPB como também do samba. Qual seria o motivo disto?

KIKO DINUCCI – Bom, vou falar do meu caso: tenho um passado que está atrelado ao samba. Tocava samba tradicional e aprendi a fazer canções ouvindo Wilson Batista e Noel Rosa... Em um segundo momento, comecei a prestar atenção no samba paulista que, por não conseguir imitar o carioca, acabou ganhando cara própria. Assim, comecei a prestar mais atenção no Adoniran, no Vanzolini e, mais tarde, no Geraldo Filme e Eduardo Gudin. A partir daí, me deu um estalo e percebi que o samba paulista, juntamente com a música urbana dos anos 80, a vanguarda paulista do Itamar, do Arrigo [*Barnabé*], do grupo Rumo, havia criado uma tradição em São Paulo. Havia realmente um jeito de fazer canção característico da cidade. Um jeito de contar histórias semelhante às crônicas e de interpretar a palavra, mais falada do que cantada. É assim que percebo. Lógico que também vejo estas características em artistas mais jovens, por exemplo, no Rodrigo Campos, no Romulo Fróes e no Douglas Germano. Entretanto, também acho que a minha geração se preocupa muito pouco com a tradição. Na verdade, acredito até que persiga demasiadamente o cosmopolitismo. Tanto que há gente tocando folk como se fosse Bob Dylan! Não sei como é para um gringo olhar de repente um brasileiro tocando folk. Não sei se faz sentido. O que percebo, pelos comentários de muitos amigos estrangeiros é que, às vezes, soa caricato. O rock também. Estes estilos podem se tornar grotescos se forem apenas cópias do que é feito lá fora. Sinto realmente a falta de referências mais brasileiras em minha geração, mas acho que elas virão naturalmente.

JUÇARA MARÇAL – São Paulo comporta pessoas de todas as partes do Brasil, promovendo um encontro de diferentes culturas e estilos musicais. Assim, o interesse pela pesquisa é despertado, não somente pelo aspecto explorador, mas também pela presença das próprias comunidades que se deslocaram para lá. Esse caldeirão cultural e a música que provém dele é a cara da cidade.

BD – No caso do Rio, há a institucionalização do samba que acaba por deixá-lo aparentemente intocável, como se fosse uma tradição que não pudesse ser questionada ou reinventada...

JUÇARA – Sim. Mas em São Paulo também há a tradição do samba paulista. Mas ele não se tornou um marco, podendo caminhar ao lado de outros gêneros e possibilitando a busca de novas linguagens. Já aqui, o samba se tornou um dos aspectos mais importante da cidade.

Abril

marcadores

+2 alice caymmy arrigo barnabé ava rocha bruno cosentino bruno morais cadu tenório caetano veloso chinês cookie poets cidadão instigado crioulo domenico donazica fernando catatau filipe catto gaby amarantos guizado gustavo ruiz iara renno itamar assunção jards macalé juçara marçal karina buhr kassin kiko dinucci leo cavalcanti letuce los hermanos luiz tatit marcelo cabral marcelo jeneci marcia castro marcus preto metá metá moreno veloso mulheres q dizem sim negro leo nina becker orquestra imperial rafael castro rodrigo campos romulo fróes teresa cristina thiago França thiago pethit tiê tom zé tulipa ruiz vanguarda paulista

busca

KIKO – Acho que a forma como o Rio e São Paulo lidam com a música reflete muito as particularidades urbanísticas das duas capitais. Aqui é possível perceber uma preocupação natural em preservar o passado, mesmo com a especulação imobiliária e o crescimento vertiginoso da cidade. A arquitetura daqui é infinitamente mais preservada do que a de São Paulo. O carioca preza por isto, ele conhece a história da cidade e de seus bairros. É algo muito forte e a florado. Em São Paulo é totalmente ao contrário, você tem um bem histórico e na semana seguinte há um shopping center ou um McDonald's em cima. São Paulo é tão louca que já se reconstruiu umas três vezes pelo menos. Com as obras do metrô, encontraram vestígios de uma outra cidade a 20 metros abaixo da terra! Uma coisa absurda! Este despreendimento que São Paulo tem com a sua história, com as tradições, reflete-se na música. Acho que a maior qualidade da minha geração é que ninguém está muito interessado em buscar o aval do passado. Se eu fosse um sambista tradicional, iria querer a benção da Velha Guarda da Portela ou da Beth Carvalho, por exemplo. Ou então, se fosse da MPB, o aval do Caetano [Velloso]. Aqui no Rio, o que o Caetano fala é determinante. Lá em São Paulo ninguém está preocupado com isso. Porque todos nós somos independentes e já estamos acostumados a fazer de tudo: discos, cartazes para shows, cuidar do equipamento, carregar o amplificador nas costas... Então, se o Caetano gostar, legal, mas se não gostar também não vai mudar meu som, não vai mudar a minha realidade. Isto é uma característica da minha geração, este desapego histórico. E com isso vem também certa crise de identidade. Acho que nós ainda estamos nos formando, passando por um processo de amadurecimento. Talvez o mais importante desta geração seja realmente a quebra com os valores tradicionais da música popular. Nenhum de nós vai deixar de fazer alguma coisa porque não é de bom tom. É uma geração que se fez na internet, de forma alternativa, sem o auxílio da imprensa oficial ou das majors. Levamos muito mais a sério um blog do que os grandes jornais e revistas. O que a imprensa noticia, um blog já informou muito antes.



B
D

– Houve uma chamada para o show de ontem em que se lia: "Venha conferir o sambista Kiko Dinucci". Como você reage a isso, já que está inserido numa geração que não se sente confortável com rótulos?

KIKO – Sambista não é um rótulo que me desagrade. O único problema é que eu não faço só samba. Mas até entendo quando alguém me chama de sambista porque as minhas canções sempre partem deste gênero. É o jeito que eu aprendi a compor: a estrutura, o refrão, a estrofe...

JUÇARA – O problema é que o rótulo reduz. A questão não é negar que ele é sambista, mas negar todo o restante de seu trabalho. Suas canções não são restritas a um único gênero. Invariavelmente, o rótulo reduz as características de uma obra, destacando apenas uma de suas facetas.

KIKO – Acho que se um cara entrar numa loja e, encontrando meu disco na sessão de samba, comprá-lo, é bem capaz de querer devolver o CD! *[risos]*. “Porra, me enganaram, tá ligado?”. É bem capaz. Mas o pessoal do samba me respeita porque de algum jeito eles sentem que tenho familiaridade com a coisa. Não saio atropelando o samba! Tenho muita estima por ele.



JUÇARA – E também tem desenvoltura dentro do gênero.

KIKO – O que me incomoda de verdade é quando sou citado como “ex-roqueiro”. Já saiu “Ouça o samba do ex-roqueiro” e “O ex-roqueiro que virou sambista”... *[Risos]*. Isso é ridículo! Tim Maia teve banda de rock aos 14 anos, Jorge Ben Jor teve banda de rock aos 14 anos e eu também tive uma banda de rock aos 14 anos! Isso está na minha formação, nunca neguei. O rock se reflete no meu jeito de tocar violão, na minha postura.

BD – Alguns jornalistas já chegaram a afirmar que a geração de vocês seria a revanche da vanguarda paulista. Ao assistir o documentário do Itamar Assumpção, *[Daquele Instante em Diante]*, essa ideia parece ter se acentuado. Vocês concordam com isso? Qual foi o legado que o Itamar deixou para vocês e quais são as maiores diferenças entre a vanguarda paulista e esta nova geração?

JUÇARA – Tanto o Itamar quanto o Arrigo viveram numa época em que, de certa forma, se almejava um *status* que só as grandes gravadoras poderiam conceder. A geração de hoje não está mais preocupada com isso. Nós finalmente não precisamos mais dar certo. Não precisamos ser celebridades. Isto determina muito a forma como lidamos com o nosso trabalho, sem toda a preocupação que era natural daquela época. Não temos aquela angústia em lidar com a impossibilidade de chegar a um patamar que o Itamar almejava e que, de direito, deveria ser dele.

KIKO – A vanguarda paulista foi a grande pioneira na música independente e nós somos fruto dela. O Itamar prensava seus discos e era responsável por tudo. Nós crescemos já conformados com isso. Já era uma realidade e não esperávamos outra coisa. Talvez o Itamar esperasse. Mas, em termos musicais, ainda não acho que a minha geração tenha influência dessa época. Eu enxergo muito pouco. Vejo na Tulipa *[Ruiz]* e em alguns outros artistas, mas de forma isolada e por questões familiares. De um modo geral, não consigo perceber uma influência tão grande assim do Itamar. Minha geração, musicalmente, está totalmente aquém. Aliás, ela está muito mais atenta à tropicália, que, a meu ver, foi um movimento comportamental e pouco musical. A estrutura de suas canções era ainda muito parecida com tudo o que havia na época, como a jovem guarda e a bossa nova. Ok, botaram uma guitarra aqui, uma orquestra ali, foram influenciados pela música erudita contemporânea, mas a estrutura era muito presa à música popular vigente. Se você pegar o Arrigo, o Luiz Tatit, o Rumo ou o Itamar, eles mexeram mesmo na estrutura e desenvolveram uma linguagem própria. Já a minha geração, não. Ela ainda está lá atrás, na jovem guarda! *[risos]*. No máximo, na tropicália, pela postura. Nós temos mais coisas a dizer pelo nosso comportamento do que pela música em si. Entretanto, há um diferencial em nossas canções: como ninguém almeja a celebridade, não há preocupação ou compromisso em se criar um *hit* ou uma música extremamente popular. Se você pegar os discos, eles são bem produzidos e coisa e tal, mas a canção brasileira, aquela que a massa pode cantar, você não encontra. Não há compromisso com o mercado. Embora haja esse discurso de todo mundo querer ser pop, ninguém cria um puta refrão! Você não vê por aí um “Ai, Que Saudades da Amélia” *[Ataulfo Alves/Mário Lago]*, nem absolutamente nada que remeta à canção brasileira tradicional. Eu fico atento a essas questões, mas vejo que é uma preocupação isolada. A minha geração é muito “ah, vamos fazer um som”! Acho difícil você obter uma resposta mais consistente se perguntar para algum colega meu: “Que som é esse? É a mistura do quê com quê? Destrincha aí!”. O cara não vai saber direito. E, por incrível que pareça, eu gosto dessa falta de articulação, acho sadio.



Porque acaba por quebrar as normas, gerando uma desordem que reflete muito o mundo contemporâneo. Você acha que o [Fernando] Catatau está preocupado se gosta mais de rock do que de MPB? Ele está fazendo o som dele e pronto. Ele tem o seu público, criado a partir da internet, das redes sociais. Não ter a rádio e as outras mídias tradicionais nos rotulando, ajuda muito. Elas estão totalmente perdidas, sem saber como lidar com estas questões. A palavra MPB não está mais cabendo. MPB é som de festival! É sério demais! [risos]. Minha geração tem uma postura tão “cagando e andando” que soa falso falar em MPB. É o rótulo que mais me incomoda. Para mim, música popular brasileira é aquela feita no Recôncavo baiano por um mestre de samba de roda que compõe as suas cantigas e confecciona seu próprio instrumento. Quando você fala em MPB, a primeira coisa que me vem na cabeça é um cara entrando no festival da Record, lá nos anos 60. É meio Sérgio Ricardo quebrando o violão, sabe? É você se posicionar diante do público, fazer aquele olhar de Che Guevara e ter certeza que irá mudar o mundo com o violão. Tem esse peso e foi importantíssimo que tivesse naquela época. Mas essa MPB morreu. Pra mim, ela começou a dar sinais que andava mal das pernas quando, nos anos 80, passou a usar aqueles teclados, tudo com reverbe, e se tornou música da novela. A Joana no Globo de Ouro era o máximo da MPB. Estava tudo contaminado por essa estética. Era o uso da tecnologia de forma totalmente deslumbrada. Eu me lembro que comecei a ouvir rock porque tinha trauma de ouvir esse tipo de música. Era a música da minha mãe! Não posso ouvir a música que a minha mãe ouve na novela! [gargalhadas]. Nos anos 90 apareceu, principalmente em São Paulo, alguns compositores novos, curiosamente, nenhum paulistano: Chico César, Zeca Baleiro e Rita Ribeiro. E, no Rio, Marisa Monte representou o último suspiro da MPB. Uma MPB que o jovem poderia curtir sem ter vergonha, só que ainda presa às grandes gravadoras e sob o aval de Caetano, [Gilberto] Gil e outros medalhões. Nessa mesma década, a mídia já enfrentava dificuldades em chamar o Chico Science & Nação Zumbi de MPB. Já não cabia. Era muito mais fácil classificá-los como rock nacional. E, inegavelmente, a minha geração tem muito a ver com o mangue beat. Todo mundo tem um pé no rock: Tulipa, [Marcelo] Jeneci, Romulo... Cada um do seu jeito, mas tem. Assim, a única coisa que posso lhe garantir é que nós, “cagando e andando” para a MPB, acabamos por enterrá-la de vez. Se temos algum mérito é o de tê-la assassinado! [gargalhadas]. E isto já me deixa muito satisfeito. [risos].

JUÇARA – Ela já estava agonizando, a coitadinha! [risos].

KIKO – Nem precisou dar tiro! [risos].



B
D

– Comenta-se muito da semelhança da sua música com a do

Baden Powell, principalmente por conta da temática afro. Mas você chegou a afirmar que não há nenhuma influência...

KIKO – Eu nunca estudei uma música do Baden na minha vida. Nunca tirei nada dele no violão. Acho que me encontro com Baden no momento em que exploro o violão de um jeito não convencional. Foi o que Baden fez. Seu violão absorvia tudo, desde a escola do choro, passando por Garoto até chegar à bossa nova. Ele saía misturando e não parecia preocupado com os rótulos. Se você pensar o violão de uma maneira não convencional, você vai, em algum momento, se deparar com Baden. É inevitável. Ele é o pai do violão moderno. Mas não posso dizer que fui influenciado enormemente por ele. O outro ponto de encontro é a assimilação da música de candomblé em nossos trabalhos. Nós bebemos da mesma fonte. Eu dou todo o crédito a ele, Baden fez isto antes de mim. Mas não acho que faço igual. Respeito o seu legado, mas não sou a continuação do Baden Powell. Nem tenho capacidade para isso. O Baden explorou o violão de ponta a ponta. Ele começou a sair das convenções por estas já não responderem a todas as suas questões. E eu comecei a sair porque não tinha explorado nada! Nunca fui capaz de tirar uma música do Dilermando Reis no violão. O que me aproxima do Baden são coincidências e não referências. E quanto a *Os Afro-sambas*, se tem alguma influência, é porque estou dialogando com a África através do violão, do mesmo jeito que ele dialogou. Mas agora, quanto às letras, não me identifico em absolutamente nada com o Vinícius [*de Moraes*]. Se você achar alguma letra de minha autoria que pareça com alguma do Vinícius me mostra, porque eu desconheço! [*risos*].



BD – Como vocês dois se conheceram e de onde surgiu esse interesse pelas religiões afro-brasileiras?

KIKO – Nós tínhamos um amigo em comum, que é falecido, o Ney Mesquita. Ele foi um grande cantor de São Paulo e figura marcante na noite. Era muito ligado ao pessoal do grupo A Barca. O Ney me levou até eles e acabei virando colega da Juçara, do Lincoln e do Marcelo Preto. Ele me pegava e, onde quer que fosse, me apresentava, me fazendo cantar um samba.

JUÇARA – O Ney tinha essa característica catalisadora, ele chegava nos lugares e tratava de apresentar as pessoas. E ele fez isso com a gente. Eu e mais um grupo de amigos formávamos A Barca, onde trabalhávamos com repertório de música tradicional. Boa parte dele baseado nas músicas de candomblé, tambor de mina, umbanda... Quando conheci o Kiko, fiquei impressionada. Pela primeira vez vi alguém com trabalho de composição que dialogava genuinamente com o que havia na cerimônia. A estrutura de suas canções trazia a referência da batida no candomblé. Achei encantador e, a partir daí, nos animamos em trabalhar juntos.

KIKO – Sempre fui ligado em cultura popular. Foi este interesse que me fez cair em um terreiro: “Pô, tem alguma coisa que o samba urbano, o samba da rádio, não me mostra”. Se você pegar os sambas do Cartola, por exemplo, não têm nenhuma macumba e vários falam de Senhor, Jesus... É quase gospel! Nelson Cavaquinho é a mesma coisa. Ao mesmo tempo eu ouvia Clementina [*de Jesus*] que trazia nossa ancestralidade à tona... E é muito estranho, porque se você pensar no Cartola, ele era o que chamamos de cambono: o cara que ajudava na manutenção do terreiro. O Cartola quando jovem, foi do culto. Ele levava despacho e coisa e tal. Há uma entrevista em que ele comenta esses fatos. Aí eu comecei a ficar muito incomodado: “Por que estão escondendo isso? Por que o samba só é legal com esse verniz europeu, com uma regionalzinha ou orquestra?”. O samba foi perdendo o seu jeito mais cru, mais próximo de suas origens, da Pequena África [*região do Rio de Janeiro, entre o século XIX e início do XX, habitada por escravos alforriados*] da Tia Ciata, deixando de aglutinar a religião em sua música. Pixinguinha, embora tenha se dedicado ao choro e, com isso, sofrido uma forte influência da tradição europeia, ainda manteve musicalmente alguns elos com a religião afro.

JUÇARA – Inicialmente, o samba não tinha uma estrutura de canção. Ouça “Yaô” [*Pixinguinha/Gastão Viana*] e “Patrão, Prenda Seu Gato” [*João da Baiana/Pixinguinha/Donga*], parecem vários pontos que foram costurados.

KIKO – E aí eu comecei a me interessar pelas religiões afro-brasileiras. Se você observar, na Bahia, no candomblé de Angola, tem uma batida que o pessoal chama de cabula que é o samba: *tchá-tchá-tchá-tchá-tchá-tchu-tac, tchá-tchá-tchá-tchá-tchá-tchu-tac*. Que é a batida do samba de roda do Recôncavo. Nesse momento, caiu a ficha e fui atrás, comecei a ir aos

terreiros. Tive a ideia de fazer um documentário sobre Exu porque fiquei apaixonado pela sua figura. Entrei para o culto e passei a ter outro tipo de relação, de dentro para fora, diferente de um pesquisador. Tudo aconteceu naturalmente, não foi “hoje eu vou virar macumbeiro”! [risos]. Foi aos poucos, quando vi, já estava.



BD – Como surgiu a ideia de gravar o *Padê*?

KIKO – O *Padê* era para ser um show de samba da Juçara, que se chamava *A Toda Hora Rola Uma História*, que é uma música do Paulinho da Viola. E aí a Juçara falou: “Kiko, vamos montar um show: eu, você, violão, percussão... Já está tudo marcado”. E a gente começou a brincar... Lembro que a nossa primeira experiência foi pegar uma música do Batatinha e, durante o ensaio, começar a fugir do samba: “Vamos ficar só neste *groove* a música inteira?”.

JUÇARA – “Ah, e se a gente enchesse de silêncio?”. Cada um ia propondo um negócio e o outro embarcava.

KIKO – E aí quando a gente foi gravar o disco da Juçara, só com violão e composições minhas, eu falava: “Ó, Ju, fiz uma música aqui de zoeira. Duas frases só, não é canção”. Ela dizia: “Não! Eu vou gravar”! A letra de “*Padê*” é basicamente: “Abre o caminho, o sentinela está na porta/Abre o caminho, deixa o mensageiro passar”! E acabou!

JUÇARA – Exatamente isso! Ela tem uma força!

KIKO – Aí nos tornamos parceiros e, um belo dia, ela disse: “Kiko, vou botar seu nome no disco”. Eu: “Não! Que isso?!”.

JUÇARA – Para mim não fazia sentido ter só meu nome. Era um disco da parceria. O Kiko e as suas músicas me deram ânimo para gravá-lo.

KIKO – E é uma coisa que a gente leva até hoje. Até agora eu não consegui fazer um disco solo.

JUÇARA - Nem eu! [risos]. E é engraçado, porque as pessoas não entendem direito: “Mas o CD é do Kiko ou da Juçara?!”; “Hã? Parceria?!”.

KIKO – “Pode?!”. [gargalhadas]. “Mas não tem nem foto sua na capa!”.

JUÇARA – Agora o trio [*o projeto Metá Metá*] é outro negócio complicado: “Mas é um trio? É uma banda?”. “Não, não é uma banda, é o Thiago [*França*], a Juçara e o Kiko”.

KIKO – O mercado tem dificuldade de assimilar esses formatos. Eu lancei cinco discos com parceiros diferentes e ainda tem gente da imprensa que acha que o meu último é o *Afromacarrônico*, de 2008!

BD – E a quantas anda o projeto *Cortes Curtos*?

KIKO – Ah, eu estou elaborando, experimentando em shows, vendo o melhor formato para o CD. Mas acho que será eu e mais dois músicos. Possivelmente gravado ao vivo, que nem foi o *Metá Metá*. E a ideia é trabalhar com a canção de um jeito diferente, inspirando-se na troca de informações do mundo virtual, no Twitter, nas mensagens instantâneas e abreviadas e, ao mesmo tempo, na cultura popular. Porque a cultura popular vem de vinhetas, não é? Se você pegar o tambor de crioula, você encontra músicas que são dois versos. O samba de carnaval carioca também. Sempre cito “Chega de Demanda”, do Cartola: “Chega de demanda, chega/Com este time temos que ganhar/Somos da estação primeira/Salve o morro de mangueira”. A Mangueira desfilou só com esses quatro versos. O partido alto era só o refrão, os caras botavam a estrofe depois. Minha intenção é relacionar essa estrutura popular com a desordem do mundo atual. É basicamente isto. Tenho utilizado como referências o Tom Zé do *Estudando o Samba* e *Todos os Olhos* e o Itamar Assumpção de *Às Próprias Custas S.A.*

BD – Uma das características desta nova geração é a sua versatilidade ao trabalhar com outras mídias. Você dirigiu o documentário e também trabalha com xilogravura. Como é isso? Os suportes se misturam na hora de você criar algo?

KIKO – Para mim a música é a atividade principal, mas posso ficar um ano fazendo filme, de repente. É uma tendência do mundo contemporâneo mesmo, se você quiser sobreviver à crise terá que atuar em diversos meios. Eu sou músico, mas posso ser outra coisa também. No meu caso é bem simples, pois trabalho com criação, com ideias poéticas... Sempre penso em qual suporte elas se enquadrariam melhor. Fiz um documentário sobre Exu, pois não caberia fazer um disco ou uma canção que falasse de sua história. Teria que ser audiovisual. O meu processo é este. Mas tem também o lado da sobrevivência. A música me deixa na mão muitas vezes na hora de pagar o aluguel. Aí já vendo gravura! Tenho essa coisa de vendedor ambulante, meio “se vira nos trinta”, que vai vender bolacha no farol, tá ligado? *[gargalhadas]*.



la banda usurpada

Metá Metá - Metá Metá

Compartilhar

3 FAIXAS

la banda usurpada - Metá Metá, "Vale Do Jucá"	462
la banda usurpada - Metá Metá, "Umbigada"	104
la banda usurpada - Metá Metá, "Papel Sulfite"	4.4K

Política de Cookies

marcadores [douglas germano](#), [itamar assumpção](#), [juçara marçal](#), [kiko dinucci](#), [rodrigo campos](#), [romulo fróes](#), [thiago frança](#), [vanguarda paulista](#)



comente

Digite seu comentário...

 Comentar como: Sheyla Diniz (C ▾) Sair

Publicar Visualizar Notifique-me

[« página anterior](#)
[próxima página »](#)

Copyright © 2011 — [banda desenhada](#). Todos os direitos reservados.

[Início](#) [contato](#) [contato](#) [projeto](#) [autor](#) [colaboradores](#)

#carta

Inscriva-se na Newsletter de CartaCapital

Receba todos os dias as notícias mais importantes em seu e-mail.

✕

Nome *

Email *

Enviar

Não quero receber a Newsletter

Unic: Bolsas de Até 10

Não Perca a Chance de Estudar com
100% de Bolsa. Faça a Sua Prova 20

Unic

Cultura

Música

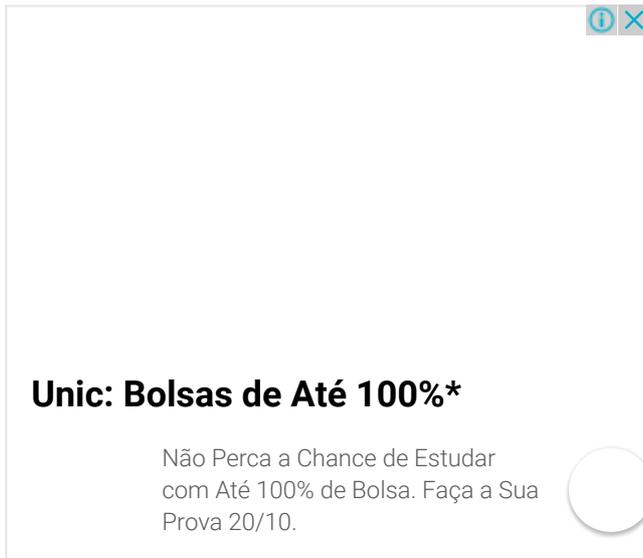
Kiko Dinucci e o MetaL MetaL

por Beatriz Mendes — publicado 09/11/2012 11h46, última modificação 09/11/2012 18h45

Ao lado de Juçara Marçal e Thiago França, o músico guarulhense propõe novas formas de experimentação para a música afrobrasileira



#carta



Unic: Bolsas de Até 100%*

Não Perca a Chance de Estudar com Até 100% de Bolsa. Faça a Sua Prova 20/10.

Acompanhar a rotina de shows de Kiko Dinucci não é das tarefas mais fáceis. Ao lado de seus habituais parceiros – os músicos Juçara Marçal, Thiago França, Rodrigo Campos, Romulo Fróes e Marcelo Cabral -, em um único final de semana é possível encontrar o compositor, cantor e violonista guarulhense prestando homenagem a Geraldo Filme, Itamar Assumpção ou a Plínio Marcos, além das apresentações de seus próprios projetos, que não são poucos e ainda ganham formatos diferentes conforme palco e circunstância.

Com Rodrigo, Romulo e Marcelo, Kiko forma o Passo Torto, um quarteto de cordas que se dedica a experimentar novas possibilidades para o samba. Com Juçara e Thiago, lançou no ano passado o Metá Metá, disco que invoca os deuses do candomblé e explora a musicalidade africana. Considerado um dos melhores álbuns de 2011, a experiência com o Metá Metá deu tão certo que os três decidiram levar o projeto adiante. Na última quarta-feira 7, depois de pouco mais de um ano do lançamento do primeiro disco, foi disponibilizado para download gratuito o MetaL MetaL, que traz a força dos orixás elevada a uma extrema potência.

A palavra metá vem do dialeto iorubá e significa “três”. Como durante as apresentações os arranjos das músicas ficavam mais pesados, surgiu a brincadeira de chamar o trio de MetaL MetaL. “Gravar o disco foi um processo muito natural, ele é resultado das transformações que o Metá Metá passava no palco. A gente já tocava todas as músicas durante os shows”, conta Dinucci, que para este trabalho assumiu a guitarra. Conhecido na atual cena por seu jeito único e inovador de tocar violão (que, segundo ele, é fruto de sua falta de técnica), Kiko quer agora investir no novo instrumento. “Eu já tinha uma formação de guitarra, mas tinha abandonado há um tempo e agora estou voltando. Quero fazer com a guitarra o que eu fiz com o violão, tentar desenvolver uma assinatura”, afirma. Marcelo Cabral no baixo, Samba Sam na percussão e Sergio Machado na bateria completam a banda.

#carta

Cabeças é do álbum Pastiche Nagô, lançado em 2008, e foi composta por Dinucci e por Douglas Germano, com quem tem em parceria o álbum Retrato do Artista quando pede, também de 2008, resultado do projeto intitulado Duo Moviola. “Como eu, a Juçara e o Thiago tocávamos essas músicas nos shows, elas foram mudando com a gente, ganhando um formato diferente, ficando mais pesadas. Por isso a gente decidiu incluí-las no MetaL MetaL”, resume. No repertório também há uma versão para Tristeza Não, de Alice Ruiz e Itamar Assumpção, um dos grandes ídolos de Kiko.

História

Kiko e Juçara sempre estiveram ligados à cultura popular e interessados pelas religiões afrobrasileiras. Eles se conheceram por meio de um amigo em comum, Ney Mesquita, muito ligado ao grupo A Barca, do qual a cantora fazia parte. “Em 2008 a Juçara me chamou para acompanhá-la no violão em um show que ela queria fazer. E aí cada um ia criando alguma coisa nova para as músicas, íamos experimentando coisas. Na hora de gravar o Padê ela me disse para dividirmos a assinatura”, explica. Mais tarde, queriam fazer um show do álbum, mas estavam sem banda. Decidiram chamar o Thiago França para tocar sax e fazer uma versão acústica do trabalho. “Mas logo a gente viu que tinha uma coisa a mais ali e então decidimos fazer o Metá Metá”, complementa.

A relação de Kiko com a cultura africana surgiu da curiosidade do compositor com os sambas de terreiro. “Não era uma pesquisa musical, era só uma curiosidade minha mesmo em relação à religião, à cultura popular. Foi uma coisa natural, tanto que hoje eu frequento os cultos”, conta. O músico é Filho de Orixá, de uma casa que cultua divindades iorubá.

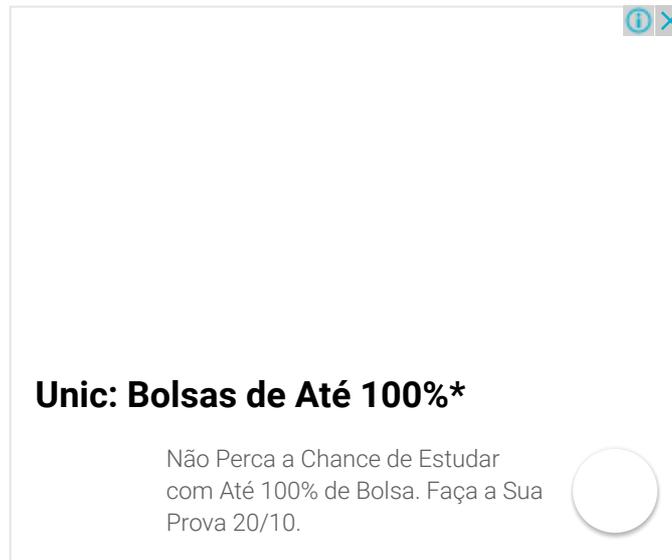
Inspirado por essa vivência, Kiko dirigiu o documentário Dança das Cabaças - Exu no Brasil, que investiga a divindade africana no imaginário popular brasileiro. Segundo ele, de alguma maneira, todos os seus trabalhos acabam tendo essa influência da África. “Se você for ver, os discos são alternados. O Pastiche Nagô é mais macumba, enquanto o Duo Moviola tem um violão mais clássico de samba, assim como o Passo Torto. Mas no meu jeito de tocar violão, sempre acaba tendo alguma coisa da cultura africana ali”, ressalta.

Além de ter se aventurado pelo audiovisual, o músico também faz gravuras em madeira, sendo dele a imagem que estampa a capa de MetaL MetaL. Em 2013 ele deve se dedicar à gravação do segundo disco do Passo Torto, além de um álbum solo, Cortes Curtos, composto por vinhetas.

Para Kiko, é difícil situar “seu grupo” dentro da atual cena da música brasileira. “Os trabalhos dos músicos da nossa geração são muito diferentes, não dá para dizer que existe um movimento. Então eu, o Rodrigo, a Juçara, o Thiago, o Romulo acabamos sem querer criando esse grupo.

#carta

e gosto do trabalho dele. Pode ser que a gente faça um show de um jeito e ele nunca mais se repita", finaliza.



Unic: Bolsas de Até 100%*

Não Perca a Chance de Estudar com Até 100% de Bolsa. Faça a Sua Prova 20/10.





Cupons e Ofertas

Economize e fique na moda com a C&A

Descontos em artigos esportivos na Centauro

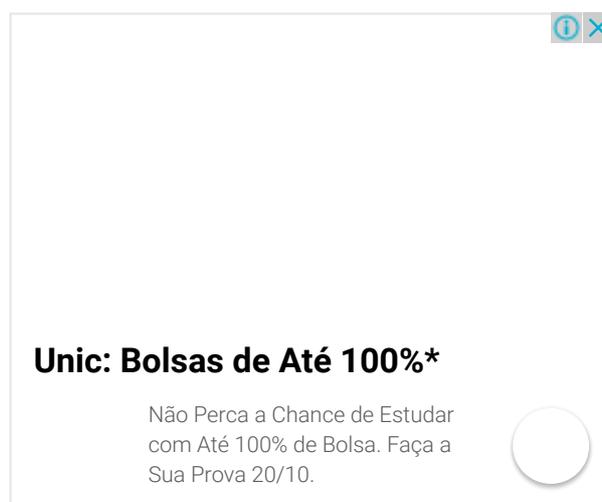
Livros e Eletrônicos em promoção na Saraiva

Decoração com descontos na Mobly

Maquiagem com descontos no Boticário

Economize em perfumes e maquiagem com a Sephora

Roupas e acessórios em promoção na Zattini

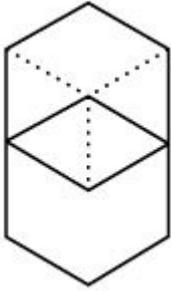


Unic: Bolsas de Até 100%*

Não Perca a Chance de Estudar com Até 100% de Bolsa. Faça a Sua Prova 20/10.







o volume morto

crítica freestyle e jornalismo especulativo

[INÍCIO](#)[BLOG](#)[ARTIGOS](#)[ENTREVISTAS](#)[LISTAS](#)[RESENHAS](#)

Entrevistas

Um disco-filme de cortes curtos: entrevista com Kiko Dinucci

 6 de March de 2017  GG ALBUQUERQUE  0 Comments  Kiko Dinucci, Metá Metá, Passo Torto



compositor-cineasta, kiko dinucci faz vários cortes curtos de uma são paulo em uma narrativa fílmica, um bloco de 39 minutos com 15 faixas:



uma hora da manhã. gritos no supermercado extra da avenida brigadeiro. um homem ataca uma mulher com xenofobia contra nordestinos e esta responde com xingamentos homofóbicos e agressão física — “seu viado, viadinho, seu baitola!”;

a poesia de kiko é marcada pelos pés fincados no chão, ou talvez seja melhor dizer no asfalto. temos a figura insólita de samuel vagando pela cidade, a tensão psico-econômica do cotidiano urbano no pico da especulação imobiliária em faria lima pra cá; helena em meio aos prédios que tem micoses, varizes, bronquite e também morrem, transpiram, escarram.

cortes curtos, o primeiro disco solo de kiko, dá continuidade a esse aspecto de sua música (à vanzolini, cadáver pega fogo em velório etc), mas transborda para outras questões, outras abordagens (notavelmente em seus olhos, parceria com sinhá, e chorei, de beto villares).

e tem o som. e aí minha suspeita (?) em relação ao álbum. quando ouvi declaração, no disco anelis e os amigos imaginários (2014), logo reconheci kiko na guitarra. e sinto desde então o seu estilo de tocar guitarra consolidando, emergindo então a pergunta: até onde temos sua característica, sua identidade sonora se desenvolvendo, até onde temos uma cristalização dessa sonoridade?

em conversas com bernardo oliveira, do selo qtv, ele insistia que o cortes curtos era muito diferente do que kiko fizera anteriormente. e de certa forma ele está certo: não há as escalas orientais e o som percussivo do metá metá, não há aquela dinâmica de loopar uma base e texturizar/criar a polirritmia por cima dela, como no passo torto (só de leve em desmonte sua cabeça). é muito mais um disco de gênero, punk/pós-punk/hardcore com a guitarra à frente (como o próprio kiko destacou em nossa entrevista abaixo), apoiado pelo volume sonoro da bateria de sergio machado e o baixo de marcelo cabral. ainda assim, é tipicamente e, de longe, reconhecidamente kiko.

como?

no fim das contas, este parece ser o centro da coisa: cortes curtos, um álbum ‘de gênero’ cujo movimento não é de expansão ou de atuação nas fronteiras, mas sim o circular. pé no chão, indo até vanzolini, geraldo filme, adoniran barbosa, lou reed.

leia a entrevista:



Kiko Dinucci - Cortes Curtos (2017)



como de costume nos discos do passo torto e metá, o cortes curtos foi gravado em poucos dias. mas algumas das canções do cortes curtos tem até seis anos e você fez algumas apresentações com elas — um show no rio, que levou àquele texto do ‘medo do pop’; uma gravação no cultura livre. como foi o processo de criação e maturação dessas músicas durante todo esse tempo?

as canções surgiram desde 2011, de lá pra cá, fui experimentando as canções por aí, foi bom, deu pra dar uma selecionada e deixar o trabalho mais maduro. eu compus umas 40 músicas e só 15 entraram pro disco. as canções existiam de uma maneira bem crua, quando resolvi grava-las no fim de 2015, chamei o sergio machado (bateria) e marcelo cabral (baixo) para levantarem os arranjos comigo, marcamos 3 ensaios e levantamos 21 músicas. na semana seguinte gravamos todas as bases em 2 dias. embora as músicas já existissem a um tempão, o processo de concepção do álbum foi meteórico. depois de gravado o disco, deixei ele guardado, dando preferência pro lançamento do mm3 do metá metá, agora acho que é a hora certa pra lançar o cortes curtos, ele continua muito atual.

você comentou que cortes curtos é mais filme do que disco. quando/como concebeu o disco dessa maneira, com as canções agrupadas em um único bloco?

eu concebi elas separadas, tive a ideia de junta-las só depois do disco gravado. o momento exato foi quando assisti ao filme adeus à linguagem do godard, o som do filme é caótico. tinha acabado de fazer meu longa breve em nenhum cinema, filme cujo a proposta também é trabalhar o som de uma maneira não convencional. daí



resolvi fazer isso com o disco também. muitas pessoas estão reclamando que disponibilizei o álbum em uma única faixa de 39 minutos. queria garantir a minha montagem cinematográfica. as pessoas têm dificuldade de sair da zona de conforto e entrar na zona de confronto. as canções são fragmentadas mas só fazem sentido agrupadas, como uma sequência de filme.

criar a partir cenas cotidianas e construir personagens uma característica de suas composições e neste disco aparece com mais evidência. como esse estilo foi crescendo em sua escrita e o que te atrai nesse formato?

acho que isso foi influência do cinema também. eu sempre gostei de inventar estórias. quando eu era criança, meu pai me levava do subúrbio pro centro pra ir ao cinema. eu assistia vários filmes, mas o que eu gostava era de ver os cartazes de filmes que ainda não haviam entrado em cartaz e inventar estórias para contá-las aos meus amigos do bairro. acho que minha alma de ficcionista nasce nesse momento. tem gente que hoje diz que eu quando falo de um filme, começo a inventar coisas e cenas que não estão na película. acho que isso contamina a música. no caso do samba, a coisa de contar estória é muito comum, no rap também já foi com o mano brown e hoje o maior cronista do rap é ogi.

queria que você falasse um pouco mais sobre a sua forma de tocar guitarra, a técnica mesmo. você vem do hardcore, passou pelo samba e mais recentemente transparecem influências da música do mali e marrocos, particularmente no metá (escalas não-ocidentais, um ritmo mais "frouxo", como brisa, texturas etc). e você também é ogan em terreiro de umbanda, certo? como você colocou tudo isso no seu modo de tocar? tem ainda o seu uso do pedal, que é bem marcante, aquela base em loop e uma coisa por cima. como você moldou esse som? falo mais em relação à técnica mesmo, para sacar como você chegou nesse resultado sonoro.

eu não me considero um músico na verdade, sei muito pouco de teoria e técnica. o que aconteceu foi a iniciativa de se apoiar no som, não na música. o som pode ser tudo, barulho, ruído, silêncio. dessa maneira comecei a me preocupar menos com escalas e acordes para me preocupar mais com o som. o som não tem gênero, a música na maioria das vezes tem. por exemplo, eu não sei solar como os outros guitarristas solam, tocando escalas em alta velocidade, acho bonito, mas não tenho interesse em aprender a tocar assim. mas mesmo sem solar, eu posso improvisar, criar



sons. o foco no som me deixa mais livre para criar. o meu estilo vem muito da percussão. os guitarristas da áfrica por exemplo também são focados na rítmica. toquei um bom tempo em uma casa de candomblé, isso me influenciou bastante também.



essa sonoridade na guitarra já é uma marca sua. e aí tem dois pontos que queria levantar para você. o primeiro é que vi muita gente, que curte suas coisas inclusive, dizendo que o cortes e o passo torto + ná eram derivativos em relação aos discos anteriores. concordo de certa forma com isso, alguns momentos desses discos me parecem variações pequenas desse estilo/técnica/estética já solidificada. e ao mesmo tempo, o passo e esse seu jeito de tocar são relativamente recentes, cerca de seis anos. e mesmo assim já é esperada uma “inovação”, como se do dia para noite a pessoa mudasse totalmente sua forma de tocar, de criar. uma demanda do “mercado independente”, ávido por novidades?o que acha disso?

tudo isso que pode ser chamado de estilo é processo, tem a ver com os nossos caminhos mesmo, não com mercado. pra mim, a novidade do cortes curtos que não está em nenhum outro disco de que faço parte é o fato de trazer a banda pra frente. nenhum disco meu tem a banda tão na cara, a guitarra está alta, a impressão que dá é que o disco choca a cabeça do ouvinte contra a parede o tempo todo, é violento. no brasil, especialmente na música brasileira, a guitarra é só pra fazer um climinha, a voz da cantora fica super na frente e a banda fica atrás, bem baixinho e suave. quis fazer ao contrário, não vivemos mais na época da marcha



contra as guitarras dos anos 60. eu fico p da vida quando alguém me chama pra gravar uma guitarra, eu faço uma coisa densa e na mixagem a pessoa deixa a guitarra bem baixinha, mata a intenção. acho que falta discos mixados e tocados assim no brasil, banda na cara, na frente, na pressão.

são paulo aparece intrinsecamente em sua música. como é que a cidade te inspira, tanto negativa quanto positivamente?

são paulo sempre que é citada no cancionário brasileiro, é citada de um jeito negativo. adoniran por exemplo não falava das “belezas” de são paulo, mesmo porque elas não existem, são paulo não tem beleza natural como rio de janeiro, salvador, recife e belém. adoniran barbosa, por exemplo, falou do progresso desenfreado, do despejo na favela, do transporte difícil para quem é da periferia, de atropelamento. paulo vanzolini falou da carteira batida na praça clovis (que hoje é a praça patriarca), de crime passional. geraldo filme falou sobre esquadrão da morte e por aí vai. o sampa de caetano e o são paulo, são paulo do premê falam da verdadeira beleza da cidade que é a confusão de estilos, de como são paulo busca beleza onde nenhuma outra cidade busca, muitas vezes essa beleza pode vir dos defeitos ou da feiura. quando fiz as canções, estava apaixonado pelo lou reed, de como ele retratou ny no álbum transformer ou nos trabalhos do velvet underground, quis fazer o mesmo com são paulo.

you diz que pensou as músicas como samba (e as letras remetem às estruturas de vanzollini, adoniran). em que medida ou em que sentido you se enxerga como um “sambista”? complexificar ou reinventar o samba é um interesse?

me enxergo mais como um compositor que sabe fazer samba também, do que um sambista. mas confesso que a minha escola é o samba, o samba me ensinou a fazer canção. hoje em dia eu percebo uma fragilidade muito forte na minha geração com a canção e noto que essa fragilidade vem de uma deficiência histórica, de uma geração que não ouviu noel rosa, assis valente, ary barroso, dorival caymmi. se você pegar o chico buarque, o caetano, o gil, joão bosco, tom zé, jards macalé, todos eles ouviram sambas na rádio. a minha geração ouviu kid abelha na rádio. no meu convívio, as pessoas com quem eu mais me identifico, como rodrigo campos, thiago frança, romulo fróes, juçara marçal, têm ligação e vivência com o samba, sabem o que é joão noqueira, roberto ribeiro, isso dá a eles uma malícia a mais. o samba é o gênero cancional mais perfeito ao meu ver. you pega uma canção



como século do progresso do noel rosa ou camisa amarela do ary barroso, valem mais que qualquer academia. quem passa pelo samba tem uma malícia a mais, teve acesso a certos segredos, a uma certa ciência. a maior prova é o jão gilberto, que se diz sambista, toca coisas do repertório de orlando silva e mostra o quanto pode ser moderno todo esse universo. me lembro claramente do dia em que ouvi nelson cavaquinho pela primeira vez, eu pensei: isso sim é punk! as bandas punks me pareceram inocentes perto do violão e voz do nelson.

Kiko Dinucci no Cultura Livre



originalmente publicado em 6 de março de 2017.

Facebook Comments

0 Comments

Sort by **Oldest**

Add a comment...

[Facebook Comments Plugin](#)

← Na trilha dos microtons: Sê-Lo e a improvisação livre de Salvador

Arto Lindsay – Cuidado Madame: um movimento de delicadeza etérea →



Leave a Reply

Your email address will not be published. Required fields are marked *

Comment

Name *

Email *

Website

Post Comment





PARABENS!

Vosso sistema aleatório de seleção de ganhadores poderá lhe
como ganhador de *um iPhone*.

[CRÍTICAS](#)[ESPECIAIS](#)[GRANDES ÁLBUNS](#)[GROOVIN' JAZZ](#)[LANÇAMENTOS](#)[PLAYLIST](#)[VÍDEOS](#)[CO](#)

DISCO DA SEMANA

METÁ METÁ INDUZ O OUVINTE A UMA JORNADA DE AUTOCONHECIMENTO

TIAGO FERREIRA | 2 junho, 2016 at 15:29

👁 2138 💬 0

MM3 tem composições flamejantes, antropofágicas... mas, é 'toque certo'

Gravadora: Independente

Data de Lançamento: 27 de maio de 2016

Download gratuito via site oficial

Em pouco tempo, o **Metá Metá** tornou-se um dos grupos mais idôneos da música brasileira por melhor compreender a extensão de influências que compõem nossa 'raiz'. **Juçara Marçal, Kiko Dinucci** e **Thiago França** nunca declararam ter compromisso com nada que não fosse muita atividade, muitos projetos, muitas direções. A diferença está justamente num dos pontos que Juçara exemplifica bem como um verso: *'Toque certo, pra onde apontar'*.

Quando o **primeiro disco do Metá Metá** foi lançado, em 2011, houve uma lapidação cuidadosa ao mostrar o peso da influência afro-brasileira. O seguinte, **MetaL MetaL** (2012), quebrou todas as possíveis rupturas que prendiam o antecessor: o projeto de free-jazz **MarginalS** (de França), as desconstruções de cordas do **Passo Torto** (de Kiko) e, principalmente, os rasgos vocais de Juçara foram somados aos elementos já 'impostos' pelo grupo. Surgiu, então, a classificação afro-punk.

MM3 reflete mais uma vez o intenso acúmulo de experiências musicais do trio – quer dizer, quinteto quase, já que o baixista **Marcelo Cabral** e o baterista **Sérgio Machado** trazem contribuições valiosas em seus instrumentos.

[pullquote]



Crítica do EP homônimo do Metá Metá, lançado em 2015

[/pullquote]

Um dos pontos que mais chamam a atenção no disco é a interpretação dada à fé. A primeira canção, "Três Amigos", composta por França, Machado e **Rodrigo Campos**, subverte o que algumas tribos encarariam como devoção a um ritual. Juçara vê o *'carnaval onírico'* como uma junção fragmentada de *'esperança morta'* e *'ferida aberta'*. É pura matança, justamente por conta da busca de um *'amor pra sodomizar'*.

É um início deveras antropofágico, algo que a seguinte, "Angoulême", não alivia. Em riffs interpolados de sax e guitarras com distorções valvuladas, Juçara canta: *'Pele tatuada, carne mutilada, o seu dente sangra/Chora enquanto ri sozinha, faz careta, grita um verso a quem passar'*.

MM3 é praticamente um disco feito em chamas. As imagens evocadas chegam a consternar – parece que o lado obscuro de Juçara, que se materializou no álbum de estreia, *Encarnado* (2014), com interpretações de músicas focadas no tema ‘morte’, não encontrou seu lado pacifista. Quando se espera um certo alívio, em “Imagem do Amor”, tem-se a evocação de *‘uma beleza disforme, sem rosto, sem nome, sem moderação’*.

Isso não quer dizer que o Metá Metá esteja do lado negro da força. Essa ebulição de imagens obscuras jogadas no início do disco começa a fazer mais sentido com o avançar de *MM3*: quando Juçara diz, em “Corpo Vão”, que *‘o passo segue a trilha/É circular dentro de si’*, compreende-se a existência de uma busca interior. E essa busca nem sempre nos leva à pureza: é como se algo dentro de um indivíduo fosse tão surpreendente a ponto de contradizer o que esse indivíduo julgaria ser parte de sua característica.

“Toque Certo”, com toda a serenidade que lembra *Siba* (ele é um dos compositores), ajuda a clarificar as coisas: *‘Eu acho que se a gente for pensar/De repente/Nem dá tempo de se imaginar’*.

A apropriação dos simbolismos afrorreligiosos, traço indissociável de Juçara, tem um contorno mais espiritual, mas de forma que reflete mais como uma busca pessoal do que uma tentativa de passar uma mensagem. Claro que a sonoridade, o canto e a atmosfera evocados em *MM3* levam o ouvinte a uma reflexão própria.

Isso nem sempre pode resultar numa experiência positiva: como defendia o filósofo Schopenhauer, conhecer a si mesmo é um saber crítico, “aceitando com coragem as desvantagens e os inconvenientes que daí possam surgir”. Nessa parte, o Metá Metá se exime de culpa; é com você.

Ops, não foi possível encontrar esta faixa.

Política de Cookies

Ops, não foi possível encontrar esta faixa.

Política de Cookies

Outros lançamentos relevantes:



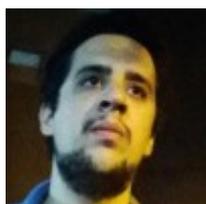
- **The Monkees:** *Good Times!* (Rhino/Warner Bros)
- **Maquinas:** *Lado Turvo, Lugares Inquietos* (Transtorninho)
- **Dâm-Funk:** *DJ-Kicks* (!K7)
- **Melanie De Biasio:** *Blackened Cities* (PIAS)
- **Mark Kozelek:** *Sings Favorites* (Caldo Verde Records)
- **The Pop Group:** *The Boys Whose Head Exploded* (Freaks R Us)

Publicidade

ARTISTAS

JUÇARA MARÇAL KIKO DINUCCI METÁ METÁ THIAGO FRANÇA

SHARE THIS POST



Tiago Ferreira



Editor do **Na Mira** desde 2010 - que, além de site, também é canal do YouTube. Já trabalhei como redator de comunicação interna, produtor de conteúdo da B2W (Americanas, Submarino e afins) e repórter de entretenimento, ciência e tecnologia no Vix.com. Também sou colaborador eventual da Revista da Cultura (da Livraria Cultura).

Mais artigos para você:

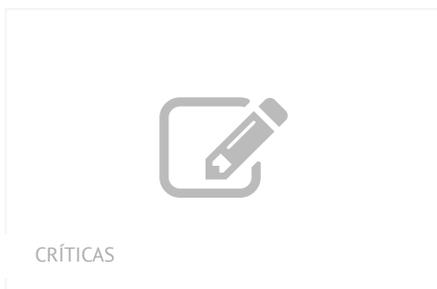
◀ TEXTO ANTERIOR

PRÓXIMO TEXTO ▶

De La Soul lança faixa com Snoop Dogg: "Pain"

Estranhos Românticos 'presenteiam' namorados com clipe homônimo

RELATED POSTS



CRÍTICA: KIKO DINUCCI, JUÇARA MARÇAL, THIAGO

FRANÇA – METÁ METÁ

TIAGO FERREIRA

👁️ 5284 💬 1

AS 50 MELHORES MÚSICAS NACIONAIS DE 2012

TIAGO FERREIRA

👁️ 18806 💬 6

OS 30 MELHORES ÁLBUNS NACIONAIS DE 2011

TIAGO FERREIRA

👁️ 10298 💬 26

SEM COMENTÁRIO [ADICIONE UM COMENTÁRIO](#)

Mensagem

Nome...

Email...

Website...

3 + 8 =

ENVIAR

NAVEGUE PELO NA MIRA

- Contato
- Críticas de discos
- Especiais
- Grandes Álbuns
- Groovin' Jazz
- Lançamentos
- Playlists
- Quem Somos
- Vídeos

PUBLICIDADE

APROVEITE

A

